



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

GT1 Africanidades e Brasilidades em Literaturas e Linguísticas

DESMEDIDA: VIAGENS AFETIVAS PELO SERTÃO

Karina Bersan Rocha¹

RESUMO: Em DESMEDIDA, Ruy Duarte de Carvalho propõe um roteiro de viagem baseado em percursos reais e imaginários. Nesse itinerário, o narrador constrói uma possibilidade de leitura do Brasil – percorrendo “as paisagens de Guimarães Rosa, o baixo São Francisco, encostando esses lugares nos sertões euclidianos” – pelo olhar estrangeiro e com a pauta da afetividade, de quem busca aproximações entre o que está “lendo” na viagem e sua própria realidade. É esse movimento narrativo que pretendemos analisar.

Palavras-Chave: Ruy Duarte de Carvalho, sertão, linguagem polifônica

Na vida, depois de vermos a nós mesmos pelos olhos dos outros, sempre regressamos a nós mesmos; e o acontecimento último, aquele que nos parece resumir o todo, realiza-se sempre nas categorias de nossa própria vida.

Mikhail Bakhtin, *Estética da criação verbal*

¹ Prof. Doutora, Ifes, karina@ifes.edu.br



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

De tudo o que viu na vida,
gente boa e gente má,
João Carlos retirou
duas ou três conclusões:
que um homem nem sempre está
onde o corpo lhe impõe estar,
e o importante na vida
é como estar, não aonde.

Ruy Duarte de Carvalho, *Como se o mundo não tivesse leste*

O trecho do poema narrativo, retirado do primeiro livro de prosa de Ruy Duarte de Carvalho, e o excerto de Bakhtin, escolhidos como epígrafes deste texto, apontam direções de leitura do texto que nos conduzirão neste limitado percurso por uma obra que oferece tantas e tão extensas paisagens: **Desmedida**, misto de romance, itinerário intelectual e livro de viagem, entre outros gêneros que ali se hibridizam, “meia-ficção-erudito-poético-viajeira” em que, como define o autor, vinha insistindo... (CARVALHO, 2008b, p. 43)

Desde a epígrafe do livro – “... estamos é juntos, no vaivém das balsas...” – Ruy Duarte explicita sua convicção, ratificada ao longo do texto, de uma irmandade entre Brasil e Angola. O percurso proposto para a viagem que é o livro – ou para o livro que é a viagem – se faz pelas “paisagens de Guimarães Rosa, o baixo São Francisco, encostando esses lugares nos sertões euclidianos” e desenha um itinerário que dá sentido à viagem:

explorar o São Francisco vindo eu de África, de Angola, na condição que é a minha e a dar-me à ousadia, muito pessoal, íntima às vezes, de tentar explicar-me pesando, fundamentando, acrescentando, inventando, as minhas percepções do Brasil e do



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

que o Brasil me dá a ver, a ler, a curtir, a abominar do Brasil, do mundo e mim mesmo. (CARVALHO, 2006, p. 169²)

Angolano por escolha, pois acredita que Angola é o “espaço que inventou e o inventou, uma nação que urdiu para si por escolha e amor ao chão” — como anuncia em **Como se o mundo não tivesse Leste** (2008, p. 43), o autor busca descobrir o Brasil como parte do programa de descobrir Angola, vendo aqui traços comuns que possam servir de espelho para uma terra cuja história ainda é tão nova. Essa intenção se reforça quando lemos a orelha do livro **Desmedida**, que nos diz que “o nosso país é aquele com o qual o nosso destino se mistura”. Ao mesmo tempo, o projeto implica “dizer do Brasil a partir de Angola, a partir da situação nacional que é a minha em relação ao mundo e a Angola (e exactamente só a partir disso)” (p. 42), porque “não é possível ‘pensar’ nem o Brasil nem Angola separadamente” (p. 43). Por isso o itinerário de viagem parte de Luanda, indo a São Paulo (onde o narrador organiza a viagem), vai ao São Francisco e volta – indicações dadas já no subtítulo do livro, que se resume como “Crônicas do Brasil”. Os deslocamentos de ida e volta pelos espaços reforçam a ideia de mobilidade e de trânsito livre entre os dois países, que se irmanam em sua história.

Se as paisagens de Guimarães Rosa e Euclides da Cunha são trazidas à cena já na primeira página da narrativa, outros viajantes instigam a viagem: comparecem ao texto Cendrars, Burton, outros viajantes e expedicionários, com seus relatos de viagem que, entretanto, sempre remetem a essas referências literárias, como cita Ruy Duarte em entrevista:

Vi-me na pele de Cendrars, convidado de luxo, numa fazenda do interior paulista, e a conversa pegou em sir Richard Burton... fazia a ponte com África, de onde eu estava a sair, e apontava ao São Francisco, por onde ele andou a explorar delírios na década de 60 do século XIX... ora quem diz S. Francisco diz também pelo

². Nas citações de **Desmedida** que seguem, será indicado apenas o número da página referida.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

menos, pelo menos para mim, Guimarães Rosa e Euclides da Cunha, e Independência do Brasil, e holandeses antes... entrariam então fatalmente em cena, a partir daí, as complementaridades, as simultaneidades, as contiguidades entre o Brasil e Angola, até hoje, em pleno boom de desmedidas ocidentalizastes alargadas às extremas fronteiras da expansão, etc., com índios encravados no fundo de inconcebíveis amazônias sem nunca terem visto homem diferente, etc., e tudo isto considerado a partir de um arranha-céus no centro desse pólo da rede de articulação do mundo que a megapólis de São Paulo é...
(in: NUNES, 2007)

Assim, na construção da estória narrada em **Desmedida**, temos um cruzamento de estórias. Os passos do autor, que mistura imagens, retratos, informações, seguem as pegadas deixadas por aqueles que já fizeram o percurso, mas sempre efetuando uma nova leitura dessas pegadas.

Em São Paulo e no sertão brasileiro, contrastes e histórias também remontam às paisagens angolanas. Tanto o roteiro de viagem quanto o projeto do livro fundem-se na escolha de um mesmo eixo: O São Francisco, que permite que se cruzem esses ecos literários vistos como crônicas de viagem, buscando fundir os dois narradores apresentados por Walter Benjamin: “o sedentário e o marinheiro”. O narrador, em **Desmedida**, é alguém que faz uma viagem e tem coisas para contar, mas também é alguém que conhece as histórias e tradições de sua terra, e busca na terra distante associações com essas histórias: “Contar do que se viu, depois de ter andado a viajar, faz parte do que compete a quem volta ao lugar de onde saiu antes, quando regressa aos seus.” (p.169).

Nesse texto de Ruy Duarte, a viagem também é registro da palavra, e essa palavra deve estar apta a explicar o Brasil aos seus, angolanos, personificados na figura de Paulino, pastor *kuwale*, seu “assistente pelos desertos austrais de Angola, a ouvir [o narrador] quando for agora a Luanda e depois ao sul visitar pastores e matar saudades de andar por lá”. (p. 169), que pouco sabe da história



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

de Angola, e nada do Brasil. Assim, a linguagem busca recuperar uma história de Angola – “o manual dos passados de Angola para uso de pastores e de analfabetos” (p. 226) – e um dizer do Brasil a partir de Angola, observando continuidades e contiguidades entre os dois países, plasmando continuidades a partir de descontinuidades, “reinventando o seu modo de ver o mundo e a dicção que ele exige” (CHAVES, 2004).

Escrito por alguém que sabe que a descontinuidade faz-se ferramenta privilegiada para a construção de uma continuidade única e singular, **Desmedida** é obra de

Vir aos lugares não para vê-los só, nem só para reconstituir-lhes passados, nem registrar presentes, mas para cobrar-lhes futuros também. A apropriação de um lugar não passa só por pisá-lo e poder, a partir daí, recordá-lo. Será também poder, a partir de então, reter-lhe a impressão de um qualquer momento futuro, simultâneo ao meu... (p.304)

O reconhecimento das afinidades entre Brasil e Angola, irmanados por raízes tão próximas, por uma vivência de desigualdades e busca de soluções, é objeto dessa declaração de afeto, permeada pelas possibilidades abertas pelos percursos literários, pelos dos viajantes e cronistas, os dos cineastas e cientistas que se desvelam ao longo do livro.

O olhar do etnógrafo – que por excelência constrói sua narrativa sobre o Outro – vem agora procurar o outro do outro, mas “experimentando sempre um sentimento de filho pródigo ciente daquilo que enquanto pessoa deve ao Brasil pelo que desde muito cedo na vida o Brasil lhe deu a ler, a ouvir, a aprender, a ver e a imaginar.” (p. 319).

A viagem pelo Brasil está imbuída dessas memórias construídas nas leituras de seus escritores, nos sambas enredo, nas modinhas de Luiz Gonzaga e nas notícias de um Brasil cotidiano que as revistas **O Cruzeiro** e **A Manchete** espalhavam Angola afora, além do cruzamento de histórias, das aproximações de um mesmo passado colonial, permeado por militares, missionários e traficantes que transitavam entre as duas margens. A apreensão dos espaços visitados é



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

sempre permeada por essas lembranças construídas anteriormente, concretizadas no imaginário, em que paisagem e memória se confundem, como afirma Bergson, em seu livro **Matéria e memória**:

A percepção não é jamais um simples contato do espírito com o objeto presente; está impregnada de lembranças-imagens que a contemplam, interpretando-a. A lembrança imagem, por sua vez, participa da "lembrança pura" que ela começa a se materializar, e da percepção na qual tende a se encarnar: considerada desse último ponto de vista, ela poderia ser definida como percepção nascente. ((BERGSON,2006, p.155-6)

Perceber, aqui, implica atuar fisicamente no espaço, transformando-o, por meio do registro de suas impressões e ideias, para poder "reter-lhe a impressão de um qualquer momento futuro". Essa é a forma de percepção assumida por Ruy Duarte, sempre em um diálogo transcultural de quem sabe o passado e intui o destino comum dos dois países:

(...) porque ao longo da vida sempre fui mantendo o Brasil como paixão, ancorado numa condição periférica de angolano excêntrico em que apesar de tudo consegui manter-me coexistindo sempre com meia dúzia de referências, nomes de autores, personagens brasileiras, e painéis inteiros de paisagens que confundi com as minhas. (p. 56)

Temos, então, uma nova perspectiva sobre o Brasil, que se desenha na metáfora líquida do rio, nas mobilidades e trânsitos que essa imagem retoma: a fala de alguém cuja

(...) viagem, como programa ou como ficção de narrativa a haver, não esteve nunca destinada a procurar encontrar. Ela só se impôs quando a dada altura vi que dava para querer ir curtir e ver, ir ver, em Minas Gerais, se os sorrisos, agora lá, rimavam ainda com os que eu tinha andado a vida inteira a decifrar em livros brasileiros... (CARVALHO, entrevista a NUNES, 2007)



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

A viagem é realizada fisicamente, mas também nesse “livro que se insinua”, “que remete para os domínios em que me movo mas admite derivas” (p.54). O São Francisco percorrido é ainda, e principalmente, o que traz à memória as cenas de **Grande sertão: veredas**: “um São Francisco assim, rosiano, pelo qual viajo e me viajo, para não dizer vigio”. (p. 108)

Nesse projeto inusitado, Ruy Duarte de Carvalho, poeta, ensaísta, cineasta, professor, mistura gêneros, processos, itinerários reais e ficcionais, e aglutina seu percurso aos já lidos e conhecidos. Esse não é um procedimento novo: já em **Ondula, savana branca**, o escritor concretiza seu objetivo de “partindo das fontes de que dispunha, poder encarar a hipótese de tradução, trabalhar ou reconverter para poesia alguns materiais de origem africana [...]” (1989, p. 9), plasmando uma linguagem que, sendo dele, retém a memória das fontes orais que lhe ofereceram esses materiais. Essa maneira característica do fazer poético de Ruy Duarte é delineada ainda em outros textos do autor, como “Aprendizagem do saber festivo”:

Atento, desde sempre, às falas do lugar, nada sei dos sinais se os não confirmo no encontro da memória com a matriz (...). Em busca das coordenadas recorro diligente à pauta de um compasso para saber no texto em que me inscrevo o que se sabe do que havia já, as leis de alguma angústia desvendasse. O legado da argúcia, a vocação da pausa. (CARVALHO, 2004, p. 09)

O projeto de **Desmedida**, refazendo também os passos de outros autores, conhecidos pela leitura, revela sua devoção pela escrita de Guimarães Rosa, de quem se assume “um leitor compulsivo, permanente e perpétuo”, reconhecendo nele “um tipo de escrita e de ficção adequadas à geografia e à substância humana” (p. 86), pois Rosa também foi recolher material literário entre os habitantes do sertão, atento a sua fala e a seus “causos”, tantas vezes retrabalhados em seus textos. Nas paisagens percorridas pelo sertão, Ruy Duarte vê aquelas já descritas por Guimarães Rosa, e as reconhece também familiares às de Angola.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Já nas primeiras linhas do texto, percebe-se a marca da oralidade e uma certa cadência rosiana na costura das frases, o que se reforça no desenho do itinerário:

tem um lugar, dizia eu, tem um ponto no mapa do Brasil, tem um vértice que é onde os Estados de Goiás, de Minas Gerais e da Bahia se encontram, e o distrito federal é mesmo ao lado. Aí, sim, eu gostaria de ir... é lá que se passa muita da ação do Grande sertão: veredas... e depois descer para o alto São Francisco, que é o resto das paisagens de Guimarães Rosa... e ao baixo São Francisco, podendo, ia também... porque encosta nos sertões euclidianos... sou estrangeiro aqui e nada me impede de incorrer no anacronismo de querer ir ver, de perto, Guimarães Rosa e Euclides da Cunha... (p. 15)

O autor se apropria da linguagem de Guimarães Rosa, reproduzindo-lhe passagens e citando personagens, num permanente cruzamento de estórias. Augusto Matraga, meu tio, o Iauaretê, Riobaldo, Diadorim, catrumanos e outros jagunços permeiam essa narrativa, que traz à cena máximas caras a Rosa, na roupagem de Ruy Duarte:

Se não tem deus há de a gente ver-se perdidos no vaivém da vida (*no vaivém das balsas?...*), não se podendo facilitar. Se não tem deus então a gente não tem licença de coisa nenhuma. Mas Deus vem, guia a gente por uma légua, depois deixa... E é por isso mesmo que viver é, não pode deixar de ser, de facto, muito perigoso. E em que é que a onça pensa, não deixo também sempre de lembrar? (p. 84)

Esse procedimento de escrita, repetido muitas vezes ao longo do texto, sobretudo no subcapítulo “paisagens”, da primeira metade, permeia todas as páginas, e retoma angústias de Riobaldo, lembranças líricas [“a Januária eu ia, mais Diadorim, ver o vapor chegar com o apito dele” (p. 103-4)] e especulações sobre Deus e o diabo, em que o leitor de Rosa pode reconhecer passagens desse autor, entremeadas pela linguagem de Ruy Duarte. Tal procedimento estabelece uma



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILEIRIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

linguagem polifônica de quem reconhece o seu direito legítimo a esse diálogo. Na mesma língua portuguesa, com o mesmo objetivo de retomar a “potência” da linguagem, a harmonia entre as palavras e as coisas, como enunciado por Rosa, o autor de **Desmedida** dilui inclusive a fronteira autoral, consciente de que “a palavra da língua é uma palavra semialheia. Ela só se torna ‘própria’ quando o falante a povoa com sua intenção, com seu acento, quando a domina através do discurso, torna-a familiar com a sua orientação semântica e expressiva” (BAKHTIN, 1988, p. 100).

Assim, o trabalho de linguagem de Ruy Duarte, comprometido em expressar poeticamente a realidade africana tradicional, renovando-a, fá-lo criar uma espécie de dizer inaugural, como o faz Guimarães Rosa com a linguagem do sertão, traço que aproxima os autores. Ambos têm consciência de que “somente renovando a língua é que se pode renovar o mundo” (in: COUTINHO, 1983, p. 83) e buscam uma “palavra essencial”, não desgastada pelo uso cotidiano que a priva da magia originada pelo “curso da palavra, da resposta, o som e o gesto seguidos um ao outro, um som que aponta a um gesto que exige um som liberto” (CARVALHO, 2004, p. 10). Esse comprometimento da linguagem com a vida, do texto com a ação, presente nos dois autores, é mais um dado que autoriza a apropriação que faz Ruy Duarte da linguagem de Rosa.

Na segunda metade do texto, estando a contar as histórias ao narratário, Paulino, percebemos a interferência muda desse narratário, que inverte a figura desenhada por Rosa: enquanto Riobaldo, jagunço semi-letrado narra a um “doutor da cidade” que o ouve e faz interferências que nós, leitores, só percebemos pela fala de Riobaldo, o narrador de **Desmedida** repete o mesmo processo às avessas: ele é o letrado que vem explicar ao pastor as estórias da terra distante e próxima, que ele, o narrador, foi visitar. São de Paulino ou de Bernardo as perguntas que só se ouvem quando ressoam no texto do narrador:

Greve de fome é o quê?... É quando uma pessoa não come nada, bebe água só, que é para mostrar que está zangada. É uma



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

espécie de desobediência civil, não dá para falar agora. (...)
Platibandas é quê?... Platibandas, Bernardo... (p. 179)

O sertão rosiano, refúgio de homens pobres e marginalizados, traz as paisagens isoladas dos pastores de Angola, e, mesmo depois de deixar essas paisagens, o final do romance remete ainda a um novo texto a ser escrito: **A terceira metade**, em que não se pode deixar de ouvir uma alusão à *terceira margem do rio*, com tudo o que esse conto traz de enigmático e instigador.

Assim o sertão, “indo e vindo enorme, sem começo, feito um soturno mar, mas que põe à praia inesperadas coisas, conchinhas brancas de se pegarem à mão” (p. 101), sendo “do tamanho do mundo” (ROSA, 1986, p. 68), é espaço em que o sujeito, no Brasil ou em Angola, busca sua identidade, em permanente trânsito. Mas, se o procedimento linguístico de Ruy Duarte, ao tratar os textos de Rosa, demonstra sua devoção pelo que este escreveu, reafirmada várias vezes em seu texto, tanto literalmente quanto na apropriação da linguagem “irmã”, que reconhece no autor brasileiro, há outro desenho do sertão que também instiga o autor de **Desmedida: Os sertões** euclidianos.

Embora o distanciamento das linguagens esteja demarcado pelo uso de itálico nos fragmentos de texto de Euclides da Cunha aí citados, procedimento oposto ao usado no texto de Guimarães Rosa, é patente a compaixão do autor pela história de Canudos, no sentido estrito da palavra compaixão, isto é, de alguém que compartilha daquele sofrimento, e a admiração pela dialética exposta entre "o descobrir e o encobrir, explicar e murmurar, elucidar e iludir, espaço dado ao incomensurável, ao desmedido, ao irracional, ao horroroso, ao esmagador, majestoso, indizível, paradoxal" (p. 288). Canudos traz à memória “o ruído, em mim, das minhas próprias torrentes de murmúrio e pesadelo. [...] data de outros cadáveres, angolanos também, dados à devassidão dos nojos. [...] Coisas que não se passaram afinal há tanto tempo assim, aqui, e entre nós, em Angola e em África” (p. 307).



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Na leitura dos acontecimentos de **Os sertões**, um projeto político do texto, a insurgência contra toda ordem imperialista, que sufocou e ainda abala tanto o Brasil quanto Angola, transparece com muita clareza na análise feita por Ruy Duarte do “brutal confronto da expansão ocidental com o seu próprio produto, com aquilo que ela mesma produz, e consigo mesma” (p.298), o que justifica a desobediência civil: “Se o que se quer é pôr fim à injustiça, ensinou Thoreau, então deixemos de respeitar os termos impostos pelos injustos” (p. 297).

Assim, Ruy Duarte cumpre a desmedida tarefa de visitar o Brasil com olhos de estrangeiro, mas não estranho, já que traz ainda grande conhecimento da cultura, do cinema e de obras sobre o país, e volta a Angola, com a sensação de estar sempre em seu lugar:

(...) talvez jamais tivesse ocorrido também, sequer, a hipótese de uma viagem que tivesse o São Francisco em conta e de um livro que não perdesse nunca de vista nem o lugar de onde eu estava a sair nem o lugar para onde, nem que só de mim para mim, onde quer que estiver, estarei sempre a voltar. (p. 119)

Angola, ponto de partida e de chegada, é sempre o leme que guia a viagem, ampliada pela discussão do imaginário político-cultural do mundo de língua portuguesa, suas políticas, seus impasses, suas potencialidades, suas convergências e especificidades, que permeiam desde as paisagens do Namibe até as margens do São Francisco, com tudo o que esses espaços referem a esse imaginário de fronteiras abertas. Como ocorre em outros livros do autor, em **Desmedida** mais uma vez Ruy Duarte dilui fronteiras, físicas e linguísticas, e “vê dos dois lados da linha de passagem, [...] concebe ao mesmo tempo as identidades daqui e de lá, [...] a sua necessária aliança ao mesmo tempo em que preserva sua necessária particularidade” (GLISSANT, 2006), e mais uma vez reafirma seu sentimento de fraternidade:

Acho mesmo que estamos juntos de tantas e tão evidentes maneiras que até uma vez mais pode parecer impertinência aludir



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

sequer a isso. Estamos juntos enquanto produto histórico, substância de expansão e implicados em processos equivalentes de caldeação e de formação genética, antropológica, mestiça, linguística, social, comportamental e cultural. E, à partida, do mesmo lado nos quadros das atuações hemisféricas, austrais, regionais e nacionais do presente, embora ocupando lugares completa e paradoxalmente distintos, nalguns aspectos. E estamos juntos quanto a destinos coletivos e estaremos juntos em termos de sentido para o devir de toda a espécie humana e do mundo. (p.397-8)

A Angola retorna Ruy Duarte, mas, ao nos conduzir com ele em sua viagem, como fez com o amigo a quem deixou as cartas que mapeavam o território em **Vou lá visitar pastores**, conduz-nos a um conhecimento que nos permite vermos a nós mesmos por seus olhos e compartilhar dessa irmandade.

REFERÊNCIAS:

- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et alii. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. 3. ed. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins fontes, 2006.
- CARVALHO, Ruy Duarte de. **Ondula, savana branca**. 2. ed. Luanda: União dos escritores Angolanos, 1989.
- _____. **Hábito da terra**. Luanda: Edições Maianga, 2004.
- _____. **Desmedida**. Luanda - São Paulo - São Francisco e volta: crônicas do Brasil. Lisboa: Cotovia, 2006.
- _____. **Como se o mundo não tivesse leste**. Lisboa: Cotovia, 2008. (2008a)
- _____. **A câmara, a escrita e a coisa dita...** fitas, textos e palestras. Lisboa: Cotovia, 2008. (2008b)
- CHAVES, Rita. **LITERATURA E IDENTIDADE(s): algum percurso de Ruy Duarte de Carvalho**. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências sociais. Coimbra, set. 2004. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel35/RitaChaves.pdf>. Acesso em 01 set. 2016.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

- GLISSANT, Edouard. Não há fronteira que não se ultrapasse. Trad. Wanda Caldeira Brant. In: **Le monde diplomatique**. Brasil, 01 out. 2006. Disponível em: <https://www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=1962>. Acesso em 06 out. 2016.
- LORENZ, Günter. Diálogo com Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Eduardo de Faria (org.). **Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1983. (Coleção Fortuna Crítica, v.6)
- NUNES, Maria Leonor. Entrevista com Ruy Duarte de Carvalho. **Jornal de Letras**. Lisboa, 17-30 jan. 2007. Disponível em: <http://angolaharialiterharia.blogspot.com/2007/01/desmedida-de-ruy-duarte-de-carvalho.html>. Acesso em: 10 out. 2016.
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.